

PRÁTICAS DIDÁTICAS: UMA REFLEXÃO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR EM SALA DE AULA

SHAIA NEVES¹; ANA MARIA DA SILVA CAVALHEIRO²

¹Universidade Federal de Pelotas – shaiane-neves@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – anamacav@yahoo.fr

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste no relato de experiências vivenciadas pela ministrante Shaiane Neves a qual atuou no curso Francês Básico II - turma única da Câmara de Extensão (CaExt) vigente no primeiro semestre de 2016, tendo como número inicial o total de dezoito alunos. A proposta visa a abordagem do método comunicativo, sendo este presente nas aulas, em diálogo com outras metodologias abordadas no curso de graduação Letras – Português e Francês.

É importante destacar alguns dos principais aspectos considerados e que nortearam o processo aqui descrito, dentre eles: o público majoritário, visto que o curso não é restrito, sendo ele aberto à comunidade, esperar-se-ia que houvesse um grupo predominantemente heterogêneo, porém a maior parte dos estudantes constituíam-se de universitários com idade média de 23 anos; os principais objetivos e motivações para a escolha da língua francesa; a metodologia aplicada em contraste a outras existentes; o uso do celular em sala de aula (questiona-se o fato do aparelho servir como um auxílio ou apenas mais uma distração a qual o professor tem de disputar a atenção).

O objetivo aqui expresso é, antes de tudo, que a ministrante faça uma auto avaliação do trajeto percorrido desde então, observando as principais características da sua didática e exercícios propostos, bem como o avaliação feita pelos alunos das técnicas de ensino-aprendizagem envolvidas.

De acordo com o *Cadre Européen Commun de Référence* (CECRL), o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem pode ser compreendido como aquele que fornecerá os melhores meios para que os alunos possam se desenvolver, guiando-os para que eles se adaptem às suas atividades e tarefas de acordo com o nível em que estão. O professor não é um detentor do saber, mas sim um mediador e facilitador da aprendizagem.

É dessa forma que foi construída a formação na LE de cada estudante, pensando a aprendizagem como uma ação interativa a qual respalda-se ao modelo construtivista. No âmbito escolar/universitário, o construtivismo pode ser definido conforme Fernando Becker por:

“A forma teórica ampla que reúne várias tendências atuais do pensamento educacional. Tendências que têm em comum a insatisfação com um sistema educacional que teima em continuar essa forma particular de transmissão que é a Escola, que consiste em fazer repetir, recitar, aprender, ensinar o que já está pronto, em vez de fazer agir, operar, criar, construir a partir da realidade vivida por alunos e professores, isto é, pela sociedade. A Educação deve ser um processo de construção de conhecimento ao qual ocorrem, em condição de complementaridade, por um lado, os alunos e

professores e, por outro, os problemas sociais atuais e o conhecimento já construído (1994, p.87).”

2. METODOLOGIA

É com base no conceito descrito acima (modelo construtivista) que este trabalho foi edificado. Não é pensar em uma pesquisa, por mais breve que seja, tendo sua construção somente pela a opinião da própria ministrante, portanto, vê-se como ação importante a consulta aos alunos, já que eles foram parte integrante desta experiência.

Por conseguinte, notou-se que o melhor meio encontrado para consultar os alunos quanto à forma pela qual eles foram interpelados, de acordo com seus desejos e frustrações, era a elaboração de um questionário que fosse capaz de abarcar todos os pontos já citados, assim como possibilitar aos estudantes uma forma para que se expressassem de maneira anônima.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme mencionado no tópico anterior, aborda-se nesta seção a maneira como realizou-se o questionário e quais os elementos nele pautados, bem como a exposição das principais características que, segundo o olhar da ministrante, merecem destaque.

Inicialmente, é importante ressaltar as etapas do questionário as quais compunham-se de cinco etapas. A primeira etapa consiste em um exercício em que os alunos deveriam informar o nível de importância e interesse (de 0 a 10) em determinada atividade, em seguida dizer se ela deveria continuar ou ser substituída e oferecer sugestões se julgassem necessário. Cita-se quatro das dez atividades: fazer diálogos – interagir com os colegas; preencher e relacionar lacunas; interpretação de personagens (*Jeu de rôle, canevas*); aprendizagem através de músicas.

Dentre essas quatro atividades somente a segunda destoa das demais, em que pode ser considerada como um exercício de condicionamento, um estímulo-resposta. A tarefa é inteiramente construída pelo professor e o aluno aprende por meio de um sistema de fixação, assemelha-se tal tarefa ao que Skinner nomeou como comportamento operante:

“inclui todos os movimentos de um organismo dos quais se possa dizer que, em algum momento, têm efeito sobre ou fazem algo ao mundo em redor. O comportamento operante opera sobre o mundo, por assim dizer, quer direta, quer indiretamente (Keller, 1972 apud Furtado, 1999)”

No livro de Furtado (1999, p.61), ainda temos tal teoria exemplificada pela aprendizagem de um instrumento musical, onde é necessário repetir e decorar notas, partituras, etc. A prática assemelha-se à perfeição por assim dizer. Embora essa seja uma boa maneira de aprendizagem, ela não é única e é importante frisar que ela não deve ser trabalhada isoladamente.

As outras três atividades representam exemplos de uma metodologia comunicativa, pode ser definida como uma abordagem interacionista que tem como característica pôr o aluno no centro da aprendizagem, trabalham de forma a melhorar o desempenho individual em interação com os demais, e também pode

ser caracterizada por uma maneira lúdica, como a aprendizagem através de músicas. Subentendido a isso tem-se uma das noções básicas que compreendem a teoria de Vygotsky dentro do Construtivismo que é a de pensar “o homem visto como ser autônomo, responsável pelo seu próprio processo de individuação (Furtado 1999, p.115)”.

Para dar fundamentação às quatro atividades aqui selecionadas, enfatiza-se um questionário respondido por um dos alunos, onde os seguintes conceitos foram dados para tais tarefas: fazer diálogos – interagir com os colegas → 10; preencher e relacionar lacunas → 10; interpretação de personagens (*Jeu de rôle, canevas*) → 3; aprendizagem através de músicas → 8. A distinção entre a pontuação dada à atividade 3 em relação às demais é exorbitante, menciona-se também para a única atividade que foi solicitada sua substituição foi essa, sendo sugerida a troca por leitura de textos de gêneros diferentes.

A segunda etapa do questionário consistia na classificação de possíveis atividades, compreende três ordens: 1- Útil, interessante, aplicável; 2- Interessante mas inviável; 3- Inútil, desinteressante, não se enquadra ao contexto. Destacam-se três atividades das seis existentes: conversas com falantes nativos ou com pessoas de um nível avançado na língua alvo; exibição de filmes seguido de discussão; realização de projetos em que os alunos escolhem um tema a ser abordado.

A primeira atividade foi considerada pela maioria como interessante mas inviável. Isso reflete ao modo de como os estudantes pensam à língua estudada, haveria um distanciamento entre a língua e a realidade em que vivem? Contudo, esse fato não comprova-se no cenário atual, devido ao número forte de imigrantes que chegam não só ao Brasil, como também em Pelotas ou até mesmo dentro da própria universidade, possibilitando acesso às mais variadas culturas.

Na segunda atividade por volta de 90% dos informantes classificaram como de primeira ordem, ou seja, útil, interessante e agradável, ainda no mesmo quesito ressalta-se a importância de discussões a partir de documentários e quanto aos filmes, eles foram vistos de maneira positiva, servindo como fonte de acesso à cultura da língua alvo.

A terceira atividade equilibrou-se, alguns dos estudantes enquadraram-na em primeira ordem, outros em terceira. Há uma oposição evidente na qual não é explícito o motivo para tal. Aqueles que a julgaram como atividade desinteressante, justificaram a escolha como sendo uma atividade que não contribuiria para o aprendizado de forma significativa.

No questionário, as etapas três, quatro e cinco que consistiam, respectivamente, em: a análise das aulas ministradas, as principais motivações encontradas pelos alunos e algumas informações a seu respeito, não serão aqui desdobradas, devido à brevidade do trabalho. Considerar-se-á, então, uma análise futura.

4. CONCLUSÕES

Pretende-se que este trabalho seja um exemplo sucinto de pensar cada indivíduo e/ou turma de alunos de maneira singular. Onde a cada novo semestre é dever do professor, ministrante ou qualquer outro profissional que realize a tarefa de ensinar, dedicar um tempo para pensar nas necessidades, anseios e desejos daqueles com que possui uma relação didática.

Contudo, não significa que o professor exercerá o papel secundário nesta relação, porém não será o único protagonista. Para que as aulas sejam

aproveitadas ao máximo é necessário dedicação das duas partes, isto é, construir o saber em conjunto, adaptando-o a cada nova realidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Fernando. *O Que É Construtivismo ?*. São Paulo: Série Ideias, n. 20. FDE, 1994.

FURTADO, ODAIR et alii. *Psicologias: uma introdução aos estudos da psicologia*. São Paulo: Editora Saraiva, 1999;

ODDOU, Marc. *Théories de l'apprentissage et activités FLE*, 2011. Disponível em: <http://www.moddou.com/index.php?post/Théories-de-l-apprentissage-et-activités-FLE>